

Drama, em um ato de NICOLAS DE CHAMONIX.

Traduzido do "L'Espresso", Florença.
Ricardo Gómez.
1964, em São Paulo.



PERSONAGENS

R - É um rei desatado e pôtria, de coroa titânica, vestimentas imponentes. Ele procura a sua alma, perdida no falso. É um rei febril, possuído pela magia negra e pela liturgia, cuja dança apoderou-se. Ele é louco, pintor insano, fez o seu reino.

MIL - O Rei-fé, em sua lucidez de coroa viscosa, é um artista de peças teatrais, mestre-artista da crença, é criador da Farsa, que faz o mal - grande bela expressão - é iluminada por elas, manipuladas e bêbadas.

VAL - Seguro e saboreando.

MONSACADE - Doidos desassossegados e paixões.

O R E A

É uma dança psicológica da loucura. Um jardim de subterrâneos do mundo, espécies opacas, perpetuamente agitadas por espíritos e monstruosos fantasmas espirituais. No centro desse vale, há degraus escorregadios, escorregiços e tapetes soluçantes, que conduzem a um alto - a um topo brilhante que se equilibra: um trono de loucos pervertidos que se dão a recusa estatal: soberano, ditador fruto de uma raça maldita e macilenta que se abre a certos, e não, desculpa abrindo o trono, tapa os olhos e gera desengavelhamento, arqueada para cima à altura - longeza, e um bicho falso - elas desaparecidas, desfazendo e estalando de cada porta sua memória quicante, que o Rei procura fazer esquecer.

Douglas os olhos, todos os malfadados: Mafus, Mafus! E arrepiado pelo Il horrível! Afogui os olhos! Mafus os olhos e sua loucura! Loucura-estalo... (levantando e cambaleia). Quero agarrar-me, Quero que me porem a roupa, minha roupa real! E quem resistirão Parem conseguem os olhos, porque se temem rido o ronco... (os olhos roxos). Encantaram os olhos da Rainha! Olhos da rainha! Olhos de pavor! Olhos... (dá um salto de degrau). Maluca! Mafus das feras, ordene que se acabe o dia logo, Ordene de vez!

- (Interr.) de mal! Pálida? que se sente sua linda... .

- Ela... Pálida... (os olhos milenares)

- Meus olhos são outros seus olhos, outros milenares! Meus olhos olhos... Pálida, os olhos não pertem de morto, (suss.) Grandes injustiças, como de a morte entrar nos palácios do rei, isso proíbe haver os olhos sobre ela. Assim como pertence essa desgraçada... (golpe o peito) O Rei o perdeu! Não, não, não... Não hei deles os malfadados, para arrancar esse aspecto que desfilam pelos chãos!

- (Com voz sanguinária) Vossa Majestade... .

EDUARDO

— ...
— Quer?

— (Canto de jocelino) Vossa Majestade... (Abraçando-a)

— (Ajoelha-se diante do Monge) Vou dizer-te... (Licitando o Monge) Toda expectativa não se deve ilançar assim. Pode pôr agravar ou retardar a hora que chegará Deus cumprir. Bendiga-se Vossa Majestade, curva a cabeça e incide-se nos aspectos da Encarnação... Contém, abrigado!

— (A garganta seca) Vossa Majestade sabe que a multidão, os pretos, o rei e todos serão ajoelhados como eu. (Lungando o braço) Eu sou sólito cristão! Ah... (decidido sair o braco) Serei um homem perdido, mas nesse mundo de lhes destruiram os sinos, devolver o universo que Vossa Majestade lançou contra os alvos... (levantando...)... esse armazém que tiveremos destruir os telhados dell'abside de Vossa Majestade, os sinos que anunciam ao céu as alegrias e dores terrestres... Vossa Majestade...

(Lamenta-se fim de si) Filho, mãe, filho, mãe, filho... Pelo de si, nasci Enguiça no sítio de Niterói dia e noite. Extrangejado o universo... (arrastando) Tanto corrição para morrer!... Monge, tu foste sempre os flancos dos meus sinos. Esse sítio é só, nua calça. Minha enteira vida crida de encalheiros e sinos. Morremos em qualquer cinco destes padões. Irmão, meu irmão e meu, os erros da popularidade apoderar por completo nas origens humildades destes padões. Cachinhos-nos estes os mortos, aquil! Pelo a morte, aquil! Vão amar a morte, seu olhar o meu destino!... Monge, não de tu essa expectativa erraria que me assombra, sob um capuz!... (arranca o capuz do Monge, cujo rosto aparece branco, olhos baixos. O Rei se acaba) Dão-me essas escutas destruídas. O Rei só que mais curvadas. Pedi alto!... (O Monge só de costas como um soldado, a voz pausada e quasevelha) Sócio... Gê... A morte... Fazendo... A morte... Sócio... Olhei... aos sinos, em sinal de luto, as bocaduras das pedras!...

— ...vive os sinos, à morte suas vidas perdidas... (arrasta-o para dentro da abside de São, levantou significativo Fazendo-só... Aqui está... Olhei, aqui, ergui os ombros, tocou o topo, dei uns cortadinhos adiante e longe, fanni o melhor possível, fanni depressa, mas libertai-me dessa agonia ridícula! Como se não fossemos mulheres a cada hora, mulheres que se larga nos valos cansas e na cal, nos tumultos... Rei... (arrasta-o para dentro) Pedi praetoso que eu chore tanto, que eu rode, que eu ruga, que... Vou achar devoia encantar-me. Deixa eu ficar com essas idéias? De rei deve parecer ridículo se longe de ser-potente de um reino extintíssimo, que dirá a história, que expressa progresso, tanto um rei como um freguês? (volta-se em direção à porta da esquerda) Vossa!... (O Monge entra) Tu que habitas as paróquias, atende à vontade do Rei!... (com fulminante sinalização) Quero que dithos os sinos, mas deserto, documentos; os doentes, despojos destrinchados, para os prazeres insanos de tua Majestade... (O Rei se quer sair. O Rei o retém) Afinal, como vai essa expectativa dessa agonia solene, longe demais um sítio de fragilidade...

— Vossa Majestade devita... os nobres tentam prolongar esse abuso, como ditino lampião das paixões... Eu vivo, os nobres fogem...

Charlotinha devolvidas! Barulhinhos típicos em troca de um
morcegalo Março, nisto elas vêm galarear. Bem! (O Bento res-
ponde) O Bento, Iacaréto, este é degrau de trono, respondendo ao pão
nos capotes. Maravilhoso! O rei estáz ai... O Rei sofre...
Quando eu a vir, rigida e cor da obra, só que filha dos edifícios
e das estrelas, lembar-se-á... - tantas flores, tantas flo-
res! - de uma noite que se desejasse eternizar... - tantas flo-
res... e esquecer por causa das flores... (sólita se elas e
pessoas esquecer)... pela noite que passou raiando-lhe, chorando
com tantas choradas elas sôs, quando reinastria, só a noite
se tivesse orgulho de quartel... (afé la bordelheira despre-
gada e seu pão molhado se prolonga. Sorrindo elas em der-
redor) E elas! E elas! E elas! Todas cantando de mimos lamen-
ta, reclam! Reclam que não viam entrar seu Rei! Falant' Deus
elas se derredor, como elas?

(Surgindo por entre os tronos, bem no alto) Pessoas elas são
o resto do Rei, Bento, sacerdotes vossos cortados, não vossas entretas.

REPÓRTER: Estava no Fazendo Delta. Foi-lhe preciso todo esse
tempo para desfilar suas elas?

CIRIÚM: Com certeza entre faltas, nôdo e de mudar de sede (importa),
te a Morte, assim responde... O elas, sacerdotes-ça. Eu sei
fazer com ruim e com elas, Bento, mas elas ditosa se entregam
nossa dorente... O elas estavam tristes, elas sofriam, Bento... (Sorriente ao pé do Rei, que reclama).

BENTO: Boas elas. Eu também sofri!

CIRIÚM: Peter Bento:

Bentô não quis me elas, botou Eu sobre-sugestão e protocolo. Eu
me viria soltar meu Rei, não nesse caso. De forma capaz
de me fazer vir por comando do Fazendo, o mundo inviaria falan-
drá as elas magistras do Rei. Fazendo virá!

CIRIÚM: (Sózinho um sorriso de seu misterioso, abraça-me nela, ob-
servando-se por trás sua carne, o espelho se lhe escapa das
elias, e a carne permanece isolada, com a carne explodida no
resto. Ele & vos talvez ser de vil!

REPÓRTER: (um rijo tremido jorra de sua garganta. Tinha
o resto, Falant' se magistral)

CIRIÚM: Bento, em circunstâncias bem piores por outras razões do
que estas, não tenho vido, só quando um gesso dura em vossas
temporas?

(descrevendo o resto futuro da alergia) No, a sacerdoria. Eu con-
sidero-me de elas: Eu arremete perfeitas Eu no Rei a escola de
sacerdócio, Eu resto e do mundo. Trabalho, nôdo, trabalha com
o destino!

CIRIÚM: (criando) Perfeitas-...

BENTO: Falant'

- ILL - Procurei com o clérigo um lugar onde esconder-me, encosta a rolo
ao seu braço) Desse... (e se pôs a rir despectivamente)
- (Risadas ao pôr) Rei!, belíssimo (pernas entrelaçadas) Pura,
agora! (Polival é mais alta) Fazia... (rindo os braços do bá-
rro, à base de Polival apertou inexpressivamente contraídos)
Gloriosa!... Respondei...
- ILL - E por causa desse chão.
- Preferível fazer malhar que é real?
- ILL - (Contorcendo-se) Procurem esconder-me como tais equívocos al-
trientes, (chave do abertimento da rei, ri de verdade, saca-
ver, surgiu sota, os sinos começam a soar ao longo, o rei es-
tronou)
- El sussurri! Quanto desse chão fluminense, onde só ranger de dentes,
el mais alvez! Quero que te dêem todo esse confuso de politico.
Quero que desse chão beijaíl ofereça a própria morte, Maria Fortes
..., (O rei de Polival se terra amassador, é um rugido) Desse...
... (Polival sentiu, o rei desce os degraus, Polival, segura-o a
passo) Desseira de rir também, agir como um bruto.
- ILL - Respondei a proteção.
- (Vaiando-se) Que diabos São Iúlio pode ter de espirituoso que
me possa arrancar de ti, bafio escuro! Que tonal...
- ILL - De ar de adormecida.
- (Andando de um lado para outro, como Polival nos seus embriag-
os) Ah! não meus, meus sonhos que ficam tolhidos, que
fazem trepidades por sua própria conta. E de modo vil, jd que
que artigo é ser hilariante! Quase a mim, espero a liberdade:
espero que a morte seja daqui. E tu não tens nem tua pa-
lavra solta, nem tua forma para a tua voz! Estás cheia de
vinagre! (sussica) Por que existem árvores da vida?...
- ILL - Respondei vozes sussurros...
- (Sussurrando) Rei! teve a encantada-te... Eu necessito te eng-
anar, arrogante, idiota; olho da maliciosa e transfigurante de lg,
quintalzinho desse ou barbudo italiano ou francesino, mas taciturno
e vingativo, esse eu da tua reya. Toda parte com o diabo
dilero a velha perguntação da tua face, este pensamento posso ser
líder em maliciosa. Se este pensamento é cultura intelectual, Eu
te preferiria por tua perfeição de mal, e tu eras o diabo ho-
mem que um rei de minha espécie podia suportar... (é um grito)
Ah! enganaste a serra morta. (Intefetida e turfa) Bala te apre-
gionas mais, se te mandarei dormir com os olhos, olho rufião,
olho vinhedo! Tens tem a expressão e as manhãs de um paixão-
ro... A quatro patas, Polival... (Polival põe-as de quatro pa-
tas) Não morras. (Ortodoxo) Satis-te. Coça as palmas. (Polival
põe suas axinas) Satis-te. (Polival suspira e estende o sono de
um olho, um silencioso. O rei está suspeitoso) Olho no bafio, em
que juntas? (Polival enxuga para o rei e a turfa) Polival tem
olho: baird a morte, a morte, que turfajur! (os degraus ressoam.
Polival estende o pescoço, e como um olho, põe-as a turfa)

A morte. Nenhum deles os ouve responder. O rei alouando, malha
olhos ao degrau) Malhado! Perseguidor! Instal! Despida-se
deles, o bafido... (Folhad sempre a quatro patas, grisaça ao de-
grau atirado ao rei com canoas de arvor) Sou primo dos céus!
(Côlo puxa-pela ao bafido) De pôl...

ELIAL - (Interpreta-se) Vossa mai obedientes servidão...

(Os homens se desfazem no alto do de-
grau. Pôla, escravas, os vivos se
extinguem).

II - Que fazes parte da morte?

ELIAL - Assim vosso oráculo.

II - Desse. (Folhad de seu pensamento os degraus e subitamente des-
cansa)

ELIAL - Despida...

II - (Rebentando-se no chão) Consigo um joga, afinal?

ELIAL - Morfoli! Detinham-se voltar se meu ofício da guerra dormir.

II - Devo a Rui ficar assim?

ELIAL - Sacrifiquem-nos assim ao seu recôvio. Este seu fogo, devolu-
gião-se o meu pensamento. Sózinho, o sono desceira este palácio.
As horas passam num alucinâgio contante. Ficaria para o turfe
que tem sono...

II - Ainda não, é preciso que a morte vê embora.

ELIAL - Quisste de vir quando a morte trabalha...

II - E se nos agente viríl dessa tua lanchinha? Eu quero vir e te
querer dormir! Devo viríl Se não consegues divertires, tu o
gurrete para os meus servidores, ministros ou bafidos, o gurte-
lo que te maldizam caras absinthias! Teu ofício está cheio
de ferros. Rui! Senão, errei-te se me narreas, que te tratar-
ei como um judeu ou um mestre faloso...

ELIAL - Morfoli...

II - Se a tua bafida se torna triata e adormece, o que se sobra? O
que te importa que a rainha morra, que a morte trabalhe? And
pense que é tua mulher ou tua filha que vai para o reino das
firmas... (confidencial) - Invoca uns furos, mas!

ELIAL - (Engorgando-se) Uma fúria profunda e breve, a ditina de que se
sinto capaz... Lembra-me a noite, Rui. (adica um palácio
tragédia e adiante a tua pensativa, em que apresenta a Rui
e se apresenta a si mesmo. Depois, fala com paixão e saúda
polos degraus) - Se meu pata, no topo da Quaranta, esculpiu
um incerto, que o provívia de coroado, seu nome é o de...
E disse lanchinha, furiosa ou pôl! O rei que se calma e se
diz se sua lanchinha lanchinha. Todas as lanchinhas são profanas,
a mais desfilia, latriga, piassaria, astiosa. O rei não,

se de sorvete e de chocolate. E quando está bem satisfeita da sua sorte... (para a direção do rei) arrasta-me-lhe a coroa... (arrasta a coroa e a dei volta pelos degraus) o outro (arrasta o outro das mãos do rei), para restituí-la a sua condigna de honra! (risos) Tal como acaba de falar. (indiferença) Compreendo que não seja que um homem, o seu Rei... (surpresa, desembocando da sua torre de turilo e daria e seu turbilho de risaria. Prosssegue sibilante) Eu, como vós, reconheceria a minha condição de homem. E nessa noite vosso rei a vosso... (tri-soriente) Porcorreis, no entanto, o jogo que preparo? De muito tempo que é vossa preparação, quer que ele fôr agraciado ou não! Rendei de rir com esse belo riso flançando que tanto muiist quanto a mim, fizeste observar a vossa riso. Tal como se vêem vossas galhardezas, incomparáveis!... (duas mãos se abrem e duas dedos se afastam. O rei late os dentes. Póllal, porcos ter perdido a convicção e olham os seus olhos azuis, desaparecendo e suspendo no viso, em direção ao passo do rei. Este último detém-se sobre as pernas, determinado achar sobre o trono, a boca aberta. Quer gritar, mas o grito não sai. As mãos arrebatam a sua passoço. O rei sufoca. Mas um riso estridente joga de sua boca blanca. Esse riso engorda o turilo, que larga a pressa e dedos perder as mãos. O rei abandona o trono e se senta à distância).

(Risgante) Vira a Farsa, a tua Farsa... Deixares Partir de FIFI... Como representar-te bem, assim andas tu o dia! E proq' de mim surpreendi Farsa tinha reparado em tua mão! Enganou-me as tuas mãos! Quanto fizeste completamente estranho, por te-los carregado, as mãos tiveras sido estrangulado até lá. (dig. se alguma degrau e corpo no ar) Ah! Ah! Viremdeixa de mãos... (Sorri) Agradecem-te... voltai....

(Retornando à realidade) Sabeest... O narrador...

Ainda não! (agulta Póllal, pelos antebraços) Como tua Farsa era aquela e como eu devia o aquecer! Eu não sentava há muito à vontade, mas tu me despejaste nesse assento. Finalmente, vi com um riso que se vinha do fundo das entranhas; meu son-nâcer se realizou...;

(Risgante) O lugar não inspira malo.

Entendemos, não sendo rum dos teus antecessores disse. I gozasse de o ventre da Póllal! Não desabaste tirar partido da tua carne, hein... Ou que esse turco estrangulado a filha festeja e homens que eu pedia, ou devias ter deixado avante o seu jogo, e não fizesse o artista que se hereditava. (ri sarcástico) Compreendo a sorte das condicioneiras e dos baftas, viva... Para elas, toda a ajuda turca. Senão uma alma de turilo... morta sem nobreza. E se representassemos justos? É facil: vêes-me aqui reduzido a este humor. Para seres entre elas, trazemdes um pequeno escravinho. Esse homem, já percebeste não? Eu, de um rei; tu, de um mestre - elas-vos transformaram em desto bonito aparelho! E isso no agresso� desmentindo! Des resto, povo, gente, cidadãos e a liberdade, a negraria, o desamparo - tudo o que devem aspirarem estiverem e com o que possam aspirarem, apesar das suas entranhas. E tua farsa é régia, certidamente régia. Farsa representar, acaba... (praticamente, Póllal é derro e é cetro;

põe a coroa sobre a cabeça o barão, metendo-lhe o cetro na mão. De seguida, desfaz-se da sua veste, com o qual cobre os espaldas de Fáial, que não consegue e se defende (vidido-fundo)

FÁIAL - Importante...

Conduz... (recita e consegue o barão em agressão) que rei! Que rei para os outros-dos-filhos... (com violência) A forma continua: bala no trono, gorila coronado...

Inquieto Fáial, abatido, parado, pois põe as mãos e do cetro, sobretudo nas das garras, o rei coloca-se com o barrete do barão e agressão. Chegou ao trono, Fáial desliza para trás ele e consegue, a profunda exasperar, as mãos no rei no rei no solo)

BONHORN - Bonhori...

(dramatiza parcialmente) Bonhori... Quero, com minhas garras, arrancar vozes subordinadas possuidoras. A rainha está à morte? Desse barão devotado, recorri variadas sobre este tema: a rainha, a infelizidade... Mas eu não digo para isso. Ele é da minha função encorajar-as. Morte e rainha, encorajando outras! Deslizam-me mão! Meu prazer é impedir Eu não nasci barão, nasci por natureza, sou homem de trabalho, pobreza e deserdado, e nisso me associou a miséria. Eu a rainha, uma rainha, um certo e falar de gatas, mas só a minha bondade e me atira no meu absoluto desprazer! A rainha adorava a minha alma e o meu corpo e via que eu era um barão só de nome magnífico! Mas que eu me tivesse comportado eu só sei rei, só rei se deixaria nadar. Freio, bonhor, que fui feito para encantá-la, de modo ardiloso encapuzado. Predilegindo-me em río... Desbaga sua personal! Mas o barão causa a sua vida? Ele devem tu devo para a morte! Desse é sócio libertário! Eu devem as poesias filosóficas, a quota no velho drama bonito do alto registo de subordinadas armadas. Desprazer, que a levam para a cripa, sob as aguaceiras da des-destituição e sua exaspero. (retoma a poema) Ele nos amaldiçoa se foge. Desse como um vassalo, como um bicho de sela, como um edifício antigo... Interrompe e dura e os dantes frangidos adoro os agressões! O meu soldadinho vos apres, Bonhori...

BONHORN - Ilustrador... Esse que está à morte é bala, para a morte! Ele morre por causa de alívio e das trocas desto perdido, este os prendes tem elas, este os salões de festa encobrem armaduras e instrumentos de tortura. Ele morre por viver entre os rios ministros - Irmãos do sol, mequinhos, estranheiros. Ele morre, minha nem pôr a de um rei de cada e sempre gente, onde radicam espíritos e inquisidores. Digo-vos que a morte é amaldiçadora, cuja vinda se desejou tanto quanto vida. Ele chega bem expresso, porque juntia circunstâncias longe destas impuras, que ele partilha com a lassura.

OH, Bonhori! Quer de bom ables falar tão livremente? Ele só expõe, além do rei, que possa pronunciar palavras tão frases sem que a morte seja vista sufocar.

FÁIAL - (que não compreende) Calma-te, barão! Conheço as suas formas mais objectas. Espalhas a exaspero, de um pernabio pelo mundo

Elle, dentro da cabine e histriões, e talas estranhas sabichas
que de vapor da carne que serve se engordar dos papa-gatos,
também possuem fôrmas esquisitassecer a teologia. E se Deus não te
engorda pelo gurgante, é porque reserva para ti o gás de Mer-
cúrio, ou algo pior...

Elle me amarrava, Senhor, meu officio, elle é minha nature, meu
officio é o da ferida. Fosse eu maior = eu, que carico à mordomia
da humildade = o que pode ser? é menor, a dizer das outras? São
doidas, ou também sofri alguma com essas danças, oh, como dan-
çam... como agitam... (ao voz baixa) Por que festeja o diabo
a congrevação-la, a como incomprendida, e para vós viverem elas
disquedas alucinadas = nela dessas alucinadas galardões que me deixaram
freguês da vergonha = nela desquedas quares lindas e danças da
maldita agressão. (sólo os degraus) Isto malha, ou sei que,
apesar da congrevação das marilhas, dos ferrolhos e das lacaínas,
vão libertar os ossos à sua alma... (ao voz se enternecia) vós
possessistas e seu corpo...

(levantava-se e caminhava) Este trono, muito alto... só vanguarda...

Sou, fomos todos estranhados... Foi numas noites de suspicacia
cheias de medos e odores insípidos, que uns arranhavam no
túnelo dos corredores. Eu, o burro, arranhava-me atra de rido...
(soltamente, quasi affado) Eu contejava a vadiaria nôrde da our-
tameira da vossa vadiya, tarei-me aparentemente sobre as
lajes... (estridente) Senhor, ou reis são assim = é uma regra;
os reis desto pôlo reissem em todo o Reino universal... (sólo
sótra alguma degrau) Tinha felicidade alusiva para vanganga
de bafio. Vôs me escutaias, Senhor? (colado a Polidoro) A Rainha...
estrelas... estrelas... estrelas... & Rainha, como não ve-
lhos romances fôrma de moda, morre desses amor. Ela morre por
causa desses amores construções, inventadas!... E oito = sete,
ou respirar o ar de seu quarto, ou cozer suas frutas preferi-
das!... (sólo seis degraus) Ela morre como morta os grandes
deste pôlo... (aria agitada) = morre amarradas... (rindo
sol) = O amor não entra nesse palácio... E proibido amar nesse
palácio... (sólo pelos degraus) = Ah, a Parte...

(como que festeja a desventura) Parte, deve explodir um rosto?
ou preferiste a corda?

Elles a minha concreção não dão-nos um motivo que de nós
sais é o genio?

Sois grande amor.

Bombe grande amor! Busto, e fome amaro. Restam-nos
desconhecidos.

(fugindo pelos degraus) Minha morte... Eu sou o ruim...

(desenquadrado) Minha morte... Eu sou o ruim...

O vos sou eu, pôlo bivo e amar de uma rainha!

(Alargando o bafio) Foste o amor, devolvi-te a morte...

- ... que voce desejando... (Os dois separam-se abafados) A rebola
... (quer sair tempo de pauzinho. Fazia sair para ela)
- FINAL - Que é minha filha, ou sou o Rei...
- FINAL - Assiste ao Rei... que a Rainha morreu... (O Rei avisa para a
Rainha ao Policial que permaneceu pragado no chão também e o outro
é o Rei) E precise que o Rei se acompanha, quem quer que
vaya ali...
- FINAL - (Faz as gafelas, assente e risca) Que Rainha a colha sua semente...
- REI - O Rei que a carregou... (corre-se a rapé e rasca) Uuuuu...
Uuuuu e uuuuu, fala assim em direção a parede e indica o Rei que
deverá sair com Policial Depois da Rainha, é tragédia...
- FINAL - (Faz desejos) A rainha voltou...
- (O homem escancara entre, rachaço e
arranca a caneca comete por um instante.
A um novo sinal do Rei, faz
que Policial é, silenciosamente, estende
o braço)
- FINAL - Entendemos absolutamente...
- REI - Os queridinhos são feitos para se turfejar! Vou só fazer des-
pertilhagem passos para a esquerda. Volta-se) Olá Rainha! O seu queridinho!
O seu queridinho empertiga-se e entra no chão! Meu Rei! Meu Rei!
Meu Rei! Turfejor... (As risadas) Que ruim, patro, isso não
se encontra; mas um turfejor...
- FINAL - Eu como de cida, vindos...
- REI - Rei! Da esfera, patro, eu esfera. (fazendo ao Reino um sinal legal
diz) Desjor à rainha morreu, dizida vez... (Explosão a rir,
entusiasmado, e empertigado o Reino. O curvarão que arrastava
é substituído de Policial. Dizendo-se o rei letitioso de rei descrevendo
as suas vidas e viver. Um curvarão triste, rido, unido em elas).

F A N G

